

EXTREMAS-DIREITAS NO SÉCULO XXI EM PERSPECTIVA LATINO-AMERICANA: ideias, atores e modos de pensar

*André Kaysel**
*Alvaro Bianchi***

INTRODUÇÃO

As duas primeiras décadas do século XXI foram marcadas por uma convergência explosiva entre crises de representação e a expansão da extrema-direita, com impactos desiguais entre países e regiões (Mudde, 2021; Forti, 2024). A presença cada vez mais significativa de partidos, organizações e movimentos políticos, culturais e intelectuais, alguns com desempenho eleitoral expressivo, impulsionou a produção acadêmica sobre o tema, tornando-o um dos campos mais dinâmicos das ciências sociais contemporâneas. Contudo, a definição do fenômeno tem suscitado importantes debates. Como em todas as tipologias, as definições variam de acordo com os autores e as suas opções teórico-metodológicas.

Cas Mudde (2021) observou que não existe consenso terminológico na literatura e

que a nomenclatura variou ao longo do tempo. No imediato pós-guerra, prevaleceu o conceito de “neofascismo”. Nos anos 1980, difundiu-se “extrema-direita”; nos 1990, “direita radical”; e, na primeira década do século XXI, “populismo de direita”. Mais recentemente, Mudde propôs o uso do conceito de “ultradireita”, distinguindo, entretanto, em seu interior, (i) a direita radical populista, que aceitaria formalmente a competição eleitoral, embora contestasse valores centrais das democracias liberais, e (ii) a extrema-direita, que rejeitaria a democracia como regime.

Distinguir diferentes formas políticas localizadas no âmbito das direitas parece ser uma questão central, assim como estabelecer as mudanças que estas sofreram com o tempo. O cientista político Piero Ignazi (1992), propôs distinguir os partidos da “extrema-direita tradicional” (ou “velha extrema-direita”) e os partidos da “extrema-direita pós-industrial” (ou “nova extrema-direita”). A primeira estaria formada por organizações que mantinham vínculos ideológicos com os movimentos fascistas do período entreguerras, com objetivos manifestamente antidemocráticos, ao passo que as últimas re-

* Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Rua Cora Coralina, 100. Cidade Universitária Zeferino Vaz. Barão Geraldo. Cep: 13083-896. Campinas – São Paulo – Brasil. akaysel@unicamp.br
<https://orcid.org/0000-0003-2467-5363>

** Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Rua Cora Coralina, 100. Cidade Universitária Zeferino Vaz. Barão Geraldo. Cep: 13083-896. Campinas – São Paulo – Brasil. abianchi@unicamp.br
<https://orcid.org/0000-0001-5201-5923>

cusariam ligações com os regimes do fascismo histórico, buscando inserir-se no jogo eleitoral.

A referência ao fascismo como fenômeno histórico permanece central na discussão. Entretanto, a vulgarização e o uso indiscriminado dessa terminologia têm alimentado debates, controvérsias e críticas no campo especializado. Steven Forti (2024) argumentou que o fascismo constituído na Europa do pós-Primeira Guerra apresentava traços ausentes na extrema-direita contemporânea: organização de grupos de combate; projeto totalitário de governo; imperialismo como expansão militar; arregimentação da população em grandes organizações de massa; e autorrepresentação como movimento revolucionário. Enzo Traverso (2021), por sua vez, admitiu que o emprego do conceito de fascismo poderia parecer impróprio, mas sustentou sua indispensabilidade para compreender a realidade atual, propondo qualificá-la como um período de *pós-fascismo*, a fim de sublinhar a especificidade cronológica e situá-la em uma sequência histórica marcada por continuidades e transformações.

O avanço recente das direitas e extremas-direitas na América Latina deu ensejo ao florescimento de uma relevante bibliografia empírica, sobretudo por meio de coletâneas que procuraram reunir ensaios sobre diferentes casos nacionais, não apenas no continente, mas também abarcando experiências de outras regiões, do Norte e do Sul globais (cf. p. ex. Bolcatto; Souroujon, 2020; Cruz Romeo; Salomón; Tabanera, 2021; Torrico Terán, 2021; Vargas-Maia; Pinheiro-Machado, 2023; Sanahuja; Stefanoni, 2023a). Apesar das tentativas, permanece uma certa carência de balizas teórico-conceituais, que permitam dar conta da especificidade histórica das extremas direitas latino-americanas. Cabe enfatizar que as principais chaves analíticas e propostas conceituais citadas acima são claramente inspiradas nas experiências políticas europeias dos séculos XX e XXI. Algumas propostas buscam ordenar o espectro das extremas-direitas para além do referencial europeu, de modo a abranger

o fenômeno no Norte e no Sul globais. Nesse sentido, destaca-se a noção de direitas “neopatriotas”, formulada por José Antonio Sanahuja e Camilo López Burián (2023a). Tais forças políticas definem-se por uma visão soberanista e homogeneizadora de nação, que se opõe, no plano externo, ao chamado “globalismo” e, no plano interno, à diversidade, seja representada pela imigração na Europa e nos Estados Unidos, seja pelas populações originárias e pela “plurinacionalidade” na América Latina. Em síntese, faz-se necessário buscar uma conceituação da extrema-direita que faça jus à sua heterogeneidade constitutiva, tanto do ponto de vista ideológico, como no de suas diversas configurações histórico-regionais.

Este dossiê, que apresentamos ao público de *Cadernos CRH*, tem como objetivo central contribuir para a reflexão sobre as novas extremas-direitas a partir de casos latino-americanos. Reunimos trabalhos que, tomando um ou mais contextos nacionais como ponto de partida, mobilizam chaves analíticas capazes de ampliar o escopo do fenômeno, entre elas estudos comparados, pesquisas sobre circulação e tradução de ideias e enfoques transnacionais. As contribuições aqui reunidas abordam, por diferentes ângulos, um ou mais dos seguintes eixos temáticos:

- a) O que há de “novo” nas novas extremas-direitas? Abordagens teórico-conceituais;
- b) Extremas-direitas na América Latina em perspectiva comparada;
- c) Redes transnacionais de extrema-direita: circulação e tradução das ideias;
- d) Atores políticos e bases sociais das novas extremas-direitas na América Latina;
- e) Extremas-direitas e crise da democracia na América Latina: golpismos e autoritarismos.

A partir destas cinco linhas de investigação, foram selecionados um conjunto de quatro artigos, de investigadoras e investigadores de diferentes países – Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai – que propiciam um olhar, ao mesmo tempo teoricamente rigoroso e empiricamente sólido, desse fenômeno tão desafiador da con-

temporaneidade, no continente e no mundo.

Abrindo o Dossiê, José Antonio Sanahuja (Universidad Complutense de Madrid), Steven Forti (Universitat Autònoma de Barcelona) e Camilo López Burián (Universidad de la República, Uruguai) assinam o artigo “Ultraderechas y redes transnacionales: (re)pensar desde la historia global”. Os autores examinam a conformação de articulações que transbordam as fronteiras do Estado-nação, afastando-se do “nacionalismo metodológico” ainda presente na historiografia e nas ciências sociais. Ancorado na vertente neogramsciana das Relações Internacionais, o texto revisita a crise da chamada “globalização”, concebida como estrutura histórica hegemônica entre as duas últimas décadas do século XX e a primeira do XXI. Tomando a crise capitalista de 2008 como marco, os autores sustentam que a emergência da ultradireita, tanto nos países centrais quanto nos periféricos, deve ser interpretada como resposta a essa crise de hegemonia em escala internacional.

A partir desse enquadramento, os autores caracterizam as redes transnacionais que organizam o campo das extremas-direitas como estruturas simultaneamente descentralizadas e interconectadas, capazes de articular atores heterogêneos, entre eles *think tanks* ultraliberais, redes partidárias e alianças do conservadorismo cristão. O artigo oferece, assim, um quadro analítico consistente para situar a extrema-direita como componente orgânico da crise multifacetada de nosso tempo e, ao mesmo tempo, apreendê-la como unidade na diversidade.

Passando da abordagem transnacional aos estudos comparados, o artigo “Neogolpismo y derechas en el Siglo XXI: los casos de Honduras, Paraguay, Brasil, Bolivia y Perú”, de Lorena Soler (Universidad de Buenos Aires) e Florencia Prego (Universidad de Buenos Aires), concentra-se no papel das direitas latino-americanas nas múltiplas crises e rupturas institucionais que têm caracterizado a política do subcontinente nas duas primeiras décadas do presente século. Para tanto, articulando a sociologia política e a história dos conceitos, as

autoras retomam a acepção original do conceito de golpe de Estado, cunhada pelo autor francês Gabriel Naudé no século XVII, entendido como um ato excepcional do soberano para alterar a situação política em seu favor. Com isso, o artigo separa o conceito da forma histórica que os golpes de Estado assumiram na América Latina entre os anos 1960-1970, de pronunciamentos militares das forças armadas, para pensar as formas que vem assumindo no presente, caracterizadas pelo emprego de instrumentos institucionais, como os *impeachments* ou declarações de “vacância” do poder executivo por parte do legislativo e/ou do judiciário.

Assim, as autoras apresentam uma análise comparada de cinco casos nacionais do que denominam como “neogolpismo”: Honduras (2009), Paraguai (2012), Brasil (2016), Bolívia (2019) e Peru (2022). Ao comparar as particularidades destes processos de destituição presidencial seu artigo ressalta como diferentes coalizões de direita, atuando dentro das instituições estatais, com maior ou menor apoio nas forças armadas, conseguiram empregar instrumentos excepcionais para deslocar governos progressistas e alterar drasticamente a correlação de forças a seu favor e de suas agendas de restauração liberal-conservadora.

Retomando a perspectiva transnacional, Ariel Goldstein (Universidad de Buenos Aires) desloca o foco, sem perder de vista a América Latina, para um cenário extrarregional que ganhou centralidade na cartografia contemporânea das direitas radicais. No artigo “Israel y la extrema derecha global: religión, intermediarios y redes de poder”, examinou a trama de circuitos que gravitam em torno do Likud, liderado pelo primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, conectando-se a atores afins nos Estados Unidos, Brasil, Argentina e em vários países europeus.

Goldstein destaca, de um lado, o papel do sionismo cristão, difundido em segmentos de igrejas evangélicas neopentecostais, na construção de alianças entre Israel, o governo Donald Trump e o bolsonarismo. De outro,

identifica “intermediários estratégicos”: empresários, políticos, propagandistas e diplomatas vinculados ao Likud e a comunidades israelenses de diferentes países, que operam como pontes para as direitas radicais em múltiplos contextos. Entre os elos mapeados, figuram articulações com o Vox, de Santiago Abascal, na Espanha, e com o Rassemblement National, de Marine Le Pen, na França, legendas que, não obstante raízes historicamente antissemitas, vêm aderindo de modo crescente a Israel e às suas políticas de colonização dos territórios palestinos e de desumanização das populações sob ocupação. Com isso, o artigo evidencia como esses nexos transfronteiriços têm reconfigurado o lugar de Israel no sistema internacional: de candidato à plena integração na ordem liberal a ator central de um campo político que contribui para a sua erosão.

Por fim, em “Bolsonarismo como coalizão discursiva de extrema-direita”, André Kaysel (Universidade Estadual de Campinas) e Alvaro Bianchi (Universidade Estadual de Campinas) se dedicam ao contexto propriamente brasileiro, mas com o intuito de tomar o bolsonarismo como caso para refletir sobre a conceituação mais adequada das extremas-direitas contemporâneas. Os autores começam por questionar a caracterização predominante do fenômeno bolsonarista como expressão do chamado “populismo”, na medida em que, ao remeter a outra noção abstrata – a de povo –, este conceito seria inadequado para captar sua especificidade ideológica.

Partindo de uma concepção espacial da extrema-direita, em vez de uma definição baseada em uma lista de atributos, o artigo mobiliza o conceito de “coalizões discursivas” para apreender o bolsonarismo como um conglomerado de correntes político-ideológicas que partilham entre si uma “família de semelhanças”. Tendo como denominador comum o anticomunismo/antipetismo, quatro eixos principais conformariam essa coalizão: neofascismo, ultraliberalismo, conservadorismo cristão e autoritarismo militar. Esse enquadramento, além de

dar conta da heterogeneidade constitutiva do campo bolsonarista, abre uma agenda comparativa para investigar as diversas coalizões discursivas das extremas-direitas latino-americanas.

Desse modo, alternando abordagens transnacionais e comparativas, adotando perspectivas panorâmicas ou concentrando-se em casos singulares, os quatro trabalhos que compõem o presente dossiê compartilham algumas preocupações e inclinações. Em primeiro lugar, apreender a extrema-direita como uma unidade na diversidade, evitando caracterizações unidimensionais, ou excessivamente enviesadas histórica e regionalmente. Em segundo lugar, aperfeiçoar os instrumentos teórico-conceituais disponíveis para interpretar as extremas-direitas, apontando para a adoção de enfoques interdisciplinares que elevem o rendimento analítico das pesquisas empíricas que vem sendo desenvolvidas. Por fim, ainda que agrupando pesquisadoras e pesquisadores tanto da América Latina como da Europa, todas as contribuições compartilham, em graus variados, uma ênfase latino-americana, embora sem se restringir de modo algum à região, uma vez que as extremas-direitas contemporâneas se apresentam como fenômeno propriamente global, escapando em muito aos limites continentais.

À guisa de conclusão, este dossiê, até por suas modestas dimensões, não pretende apresentar um balanço exaustivo do campo de estudos sobre as extremas-direitas, mas convidar a seu aprofundamento em determinadas direções. Acreditamos ter reunido um conjunto, a um só tempo, afinado e diverso de perspectivas que ao menos animarão os debates entre investigadoras e investigadores que vêm se dedicando ao que provavelmente é o maior desafio à democracia, tanto como ordem política como enquanto horizonte compartilhado, desde o final da Segunda Guerra Mundial.

Recebido para publicação em 08 de setembro de 2025
Aceito para publicação em 10 de setembro de 2025.

Editor Chefe: Renato Francisquini Teixeira

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA:

André Kaysel – Conceitualização. Aquisição de financiamento. Investigação. Metodologia. Escrita (esboço original, revisão e edição).

Alvaro Bianchi – Conceitualização. Investigação. Metodologia. Escrita (esboço original, revisão e edição).

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS:

Os dados deste artigo podem ser obtidos mediante solicitação ao autor correspondente.

REFERÊNCIAS

BIANCHI, Alvaro. Contemporary neo-fascisms and post-fascisms: Fratelli d'Italia and Rassemblement National. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, v. 30, 2025.

BOLCATTO, Andrea; SOUROUJON, Gastón. *Los nuevos rostros de la derecha en América Latina*: Desafíos conceptuales y estudios de caso. Santa Fé: Ediciones UNL, 2020.

CRUZ ROMEO, María; SALOMÓN, Pilar; TABANERA, Nuria (Orgs.). *Católicos, reaccionarios y nacionalistas*: política e identidad nacional en Europa y América Latina contemporáneas. Granada: Comares, 2021.

FORTI, Steven. Extreme rights 2.0, a big global family. *NACLA Report on the Americas*, v. 56, n. 1, p. 20–27, 2024.

IGNAZI, Piero. The silent counter-revolution: hypothesis on the emergence of extreme-right parties in Europe. *European Journal of Political Research*, v. 22, n. 1-2, p. 3-34, 1992.

MUDDE, Cas. *La ultraderecha hoy*. Madrid: Paydos, 2021.

SANAHUJA, José Antonio; LÓPEZ BURIAN, Camilo. Las “nuevas derechas” y la ultraderecha neopatriota: conceptos, teoría y debates en el cruce de ideología y globalización. In: SANAHUJA, José Antonio; STEFANONI, Pablo (orgs.). *Extremas derechas y democracia*: perspectivas iberoamericanas. Madrid: Fundación Carolina, 2023a. p. 13–36.

SANAHUJA, José Antonio; STEFANONI, Pablo (orgs.). *Extremas derechas y democracia*: perspectivas iberoamericanas. Madrid: Fundación Carolina, 2023b.

TORRICO TERÁN, Mario Alejandro. *Giro a la derecha*: un nuevo ciclo político en América Latina. Ciudad de México: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, 2021.

TRAVERSO, Enzo. *As novas faces do fascismo*. Belo Horizonte: Áyiné, 2021.

VARGAS-MAIA, Tatiana; PINHEIRO-MACHADO, Rosana (orgs.). *The rise of the radical right in the global South*. London: Routledge, 2023.

André Kaysel – Professor Doutor do Departamento de Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, mestrado e doutorado em Ciência Política também pela Universidade de São Paulo. Foi professor na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) de 2013 a 2017. É um dos coordenadores do Laboratório de Pensamento Político (PEPOL) e atualmente é diretor do Centro de Estudos Marxistas (CEMARX) da Unicamp e pesquisador associado ao Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC). Atua principalmente nos temas: pensamento político brasileiro; pensamento político latino-americano; marxismo; nacionalismo; populismo; conservadorismo.

Alvaro Bianchi – Professor Titular de Ciência Política e Coordenador do Laboratório de Pensamento Político (Pepol) na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, Brasil). Pesquisador associado do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos (INCT-Ineu) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa Nível 2 do CNPq. Mestre em Sociologia (2000) e Doutor em Ciências Sociais (2004) pela Unicamp. Realizou estágios de pesquisa em Columbia University, Fondazione Gramsci, Brunel University e Università per Stranieri di Perugia. Atua principalmente nos temas: fascismos; extrema direita; história do pensamento político italiano e brasileiro.